

## Bom Jesus da Cana Verde

LINO, Anderson. *Aproximações culturais e conflitos sociais em torno da imagem do bom Jesus da Cana Verde: Entre o passado ibérico e as disputas no Brasil*. São Paulo: PUCSP, 2016.

A devoção ao Bom Jesus que chegou no Brasil com os colonizadores, gradualmente se espalhou por todo o território nacional. Dentre os muitos títulos, o de Bom Jesus da Cana Verde é o menos conhecido, exceto no norte do Paraná – Siqueira Campos -, onde se encontra o belo santuário dedicado a Ele.

Esta devoção pouco estudada no Brasil tem com os trabalhos de Anderson Lino alcançado maior visibilidade. Seu envolvimento com o tema, já dura 12 anos. A primeira pesquisa, monografia no Curso de História na Universidade Estadual do Norte Pioneiro do Paraná (2005), seguida do mestrado em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo e, por último, o doutorado em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade de São Paulo<sup>1</sup>.

Nesta *Nota Bibliográfica* revisitaremos seu último trabalho, a tese de doutorado, defendida dia 16 de setembro de 2016<sup>2</sup>, intitulada *Aproximações culturais e conflitos sociais em torno da imagem do bom Jesus da Cana Verde: Entre o passado ibérico e as disputas no Brasil*.

Lino, com suas pesquisas, quer quebrar silêncios que envolvem esta devoção e ampliá-la e o faz analisando as aproximações culturais entre Portugal e Brasil diante das Imagens, que representam o Bom Jesus, com destaque para os conflitos sociais, suas manifestações do sagrado que reportam para o sincretismo religioso.

O autor procurou ampliar a análise para além do fenômeno religioso, o que abriu a possibilidade de compreender os impactos da política e da economia, dos conflitos e dos movimentos sociais na transição da Monarquia para a República.

<sup>1</sup>A. LINO, *O Senhor Bom Jesus da Cana Verde e o mundo de ponta cabeça*. Jacarezinho: UENPP, 2005; *A História do Senhor bom Jesus da Cana Verde: conflitos e celebrações em torno de uma imagem religiosa* (Siqueira Campos – Paraná, 1933). São Bernardo do Campo: UNESP, 2009, e *Aproximações culturais e conflitos sociais em torno da imagem do bom Jesus da Cana Verde: Entre o passado ibérico e as disputas no Brasil*. São Paulo: PUCSP, 2016.

<sup>2</sup>Participaram da banca examinadora A Dra. Ana Amélia da Silva (Orientadora); Dra. Carmen Sylvia de Alvarenga, Dr. Claudio Santana Pimentel, Dr. Antônio Donizeti Fernandes e Dr. Ênio José da Costa Brito.

A tese está organizada em quatro capítulos, intitulados: Aproximações culturais e dramas barrocos diante da imagem do Bom Jesus. Conflitos e movimentos sociais ao redor da imagem do Senhor do Bom Jesus da Cana Verde; O Norte Velho de ponta-cabeça e O Senhor Bom Jesus da cana Verde em Cena.

O caminho por nós escolhido foi o de percorrer a estrutura da tese elaborando breves sínteses dos capítulos, comentando e apontando alguns tópicos para futuras reflexões.

### Da estrutura

O perfil analítico e sintético da introdução faz dela uma autêntica moldura para a tese. Contribuiu para isto o ter explicitado suas hipóteses:

a restauração do catolicismo no Paraná resultou num conflito que envolveu a Igreja Católica e a população do arraial Bom Jesus dos Pintos pela posse da imagem; b) essa restauração do catolicismo resulta de uma política eclesiástica ao mesmo tempo modernizadora e conservadora; c) a elite eclesiástica esteve voltada aos ideais de um catolicismo luso-cristão que monopolizava os bens simbólicos antes em poder dos leigos e irmandades particulares; d) com o projeto da Rede Viária Paraná-Santa Catarina, e a construção da estação ferroviária em Siqueira Campos, no ano de 1919, a supervalorização das terras aumentou a violência e as expropriações agrárias; assim como a reconfiguração do poder econômico e político que seguia o traçado da estrada de ferro (p. 23).

Contribuiu também o ter apresentado suas questões (p.25)<sup>3</sup> e seus referenciais teóricos e ainda introduzido os temas do sincretismo (p.30), da sociedade de consumo (p.27) e dos processos de transculturação (p.29).

A *Introdução* deixa claro que a história do Bom Jesus da Cana Verde possibilitou compreender o papel da Igreja e do Estado no momento da consolidação da *velha república* e da *nova república do Brasil* (p. 22). Vale ressaltar que naquele momento histórico, o Estado precisava da Igreja e a Igreja do Estado.

Olhando os projetos de um e de outro: a Igreja empreendeu um processo de estadualização, implantação de Dioceses em todo o território nacional, em 1930 já se fazia presente em grande parte do país. O projeto do Estado, em 1930, tinha se exaurido

<sup>3</sup>Passo a indicar apenas a página da Tese.

A tese do Edgar da Silva Gomes, *O catolicismo nas tramas do poder: a estadualização diocesana na Primeira Republica (1889-1930)* e o livro de Dilermando Ramos Vieira, *O processo de Reforma e reorganização da Igreja no Brasil (1844-1926)* examinam, amplamente o este período, trazendo informações relevantes para uma compreensão mais matizada do mesmo.<sup>4</sup>

Os quatro capítulos da tese tem uma autonomia relativa, é possível aproximar-se do texto por qualquer um deles.

No capítulo I, intitulado *Aproximações culturais e dramas barrocos diante de Imagem do Bom Jesus* (p.45-87), acompanha o drama barroco português entre o pensamento tradicional e a necessidade de expansão econômica da Igreja e do Estado, em busca da modernidade (p.52).<sup>5</sup>

Ao compreender os conflitos em torno das imagens do Bom Jesus na Ibero-América, percebe-se as reais dimensões dos conflitos simbólicos, que perpassam o campo da política e da economia e as raízes medievais no mundo moderno.

Destaco dois tópicos do capítulo, o diálogo com Alfredo Bosi (p.50-51) para explicitar a dialética do *Ecce Homo* e as informações sobre o Concílio de Trento (1545-1563) (p. 49; 79). Vale lembrar que nenhum Concílio antes havia tocado em tantos pontos de doutrina, doutrina tradicional/medieval.<sup>6</sup> Cabe uma observação, no texto do Concílio, os Reformadores jamais são mencionados.

O Concílio de Trento é recebido de fato pela Igreja do Brasil, em 1707, com *As Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, organizadas por Dom Sebastião Monteiro Vide.<sup>7</sup>

Com relação à política pombalina. Aproveito para lembrar que a política indigenista ocupava um lugar de destaque no panorama das reformas-político-administrativas, implementadas pelo governo pombalino, a partir da segunda metade do século XVIII, no intuito de reestruturar a defasada economia do reino e equiparar Portugal às nações mais desenvolvidas da Europa.

Entre os tópicos da moldura teórica do capítulo, destaco dois que tem uma presença significativa no texto. O primeiro relacionado com a temática da teatralização em torno da imagem do Bom Jesus, com seu forte potencial agregador e mistificador. Barroco, neste capítulo, é tomado como uma categoria analítica, que propõe ao público uma coesão social.

O segundo volta-se para uma afirmação na qual diz: *há momentos de predominância das ideias de uma classe dominante, mas também instantes nos quais se inverte esta situação e a cosmovisão dos debaixo nas suas práticas culturais apresentam um mundo de cabeça para baixo.* (p.79). Teria sido importante visualizar estes saberes e fazeres que colo-

<sup>4</sup>E. da S. GOMES, *O catolicismo nas tramas do poder: a estadualização diocesana na Primeira Republica (1889- 1930)*. Tese de Doutorado em História. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012; D. R. VIEI-RA, *O processo de Reforma e reorganização da Igreja no Brasil (1844-1926)* Aparecida: Santuário, 2007.

<sup>5</sup>Conceito apropriado pelo autor sem maiores explicações.

<sup>6</sup>Todo texto de Trento encontra-se no *Denziger Enchiridion Symbolorum* (nn. 782-992).

<sup>7</sup>Na página 85, o autor refere-se as Ordenações Manuelinas que dão origens as Ordenações Filipinas que durante longos anos regeram a Igreja do Brasil. Pode-se dizer que até a implantação das Constituições Primeiras.

cam este mundo de cabeça para baixo. No fundo são as inúmeras manifestações culturais dos expropriados, que se afirmam frente a ideologia dominante tanto religiosa como civil.

*Conflitos e movimentos sociais, ao redor da Imagem do Senhor Bom Jesus da Cana Verde* é o título do capítulo II (p. 88-124), que apresenta ao leitor os hábitos e costumes da sociedade na região Norte Velho do Paraná, onde ocorreu a disputa pela Imagem do Bom Jesus dos Pintos. Apresenta os protagonistas e descreve minuciosamente o desenrolar da intrincada disputa jurídica pela posse da Imagem, que termina nas mãos da Mitra Diocesana.

Importante não ter circunscrito os conflitos no arraial Bom Jesus só no Norte Velho, estabeleceu ligações com a conjuntura do país. Conflitos estes gerados pela implantação do capitalismo transnacional na região gerador de conflito com a população local.

Importante, também, ter ressaltado a presença Afro na Região (Catira). O Paraná por um bom tempo negará a presença afro. Numa pesquisa recente, Eduardo Spiller resgatou a presença de escravizados na comarca de Curitiba.<sup>8</sup>

O leitor se impressiona com a atualidade do ponto 2.1- *Relações sociais e culturais no arraial Bom Jesus dos Pintos* (p. 89-95), no qual se apresentam as relações de compadrio, mandonismo, as relações sociais, jurídicas e pessoais permeadas de favores que contaminam toda a vida política da região. A impressão que se tem é que a política brasileira evoluiu muito pouco.

No ponto 2.2, *O progresso e a extinção do Arraial Bem Jesus dos Pintos* (p 96-104), faz referência a Euclides da Cunha. Aproveito para lembrar que Euclides da Cunha, no juízo que emite sobre o Conselheiro, na parte IV dos Sertões – *O homem*, busca inspiração em Ernst Renan (1823-1892), para associar Conselheiro a figuras desconhecidas do século II, como Montano da Frigia. Para Euclides, Belo Monte é milenarista. Euclides desconhece a distinção fundamental entre expectativa milenarista e aguardo do juízo final temerário. Euclides inventa um Belo Monte Milenarista.<sup>9</sup>

As comparações que o autor estabelece com Canudos, Contestado e outros movimentos precisariam ser bem mais explicadas, para que se possa entender bem o alcance destas comparações.

Um tema interessante levantado é o da visão econômica dos bens simbólicos nele traz de volta um comentário feito por Fernando Braudel, que reconheceu que “não” há uma econo-

<sup>8</sup>Cf. E. S. PENA, *O jogo da face*. A astúcia escrava frente aos senhores e a lei na Curitiba provincial. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999. Em especial na primeira parte intitulada: O pequeno e denso universo escravo da comarca (pp.23-86).

<sup>9</sup>Ver P. L. VASCONCELLOS, *O Belo Monte de Antônio Conselheiro*. Uma invenção “biblada”. Maceió: Edufal, 2015

mia, mas sim economias, ao qual acrescentou a economia em torno das imagens e santuários de devoção.

Quando olha a questão religiosa no Norte Velho do Paraná (p.123) constata que os cultos populares ameaçavam a ordem republicana estabelecida. Daí a necessidade de mostrar serem eles atrasados ou, então, negados em nome do progresso, que se instalava na região.

No capítulo III, *O Norte Velho de ponta cabeça* (p.128-158) relembra a transição da Monarquia para a Nova República. Transição que no Norte do Paraná, na *interland* do Norte cafeeiro (p. 143) foi marcada por conflitos econômicos e religiosos. O progresso e o desenvolvimento da região ao obedecer a lógica interna do capital gerou problemas sociais, violências.

Significativo ter feito memória da presença e do massacre dos Kaingang na região e lembrado que o imaginário construído no país sobre o índio é de que ele é culpado pelo atraso.<sup>10</sup>

Na página 141, temos algumas referências ao livro de Rui Facó, *Cangaceiros e fanáticos*. Gosto do texto, mas tenho reservas! Rui Facó pioneiro na abordagem de movimentos rurais, não operários, *mostrando o vínculo deles com a luta contra o latifúndio, embora para muitos de seus participantes [para Facó] essa meta fosse inconsciente, já que obscurecida pelo ideal religioso*. Mas

o problema maior [...] surge quando [Facó] passa a considerar a religião na constituição de Belo Monte. Ai seu olhar de marxista “ortodoxo”, incapaz de ver na religião algo além do “ópio do povo”, se manifesta fortemente, levando-o a desqualificar a brava gente sertaneja cuja resistência admira. A caracterização depreciativa das práticas religiosas dos sertanejos denuncia os preconceitos do autor (p. 54-55).

No capítulo, acolhe a crítica de Marx a religião, sem matizá-la (p. 147). Interessante, que quando comenta os movimentos ocorridos no Brasil profundo reafirma corretamente que: a linha imaginária que os liga é a religiosidade popular e suas disputas com a religião oficial da Igreja Católica (p. 145) e ao referir-se a estes movimentos diz ainda que têm características idênticas a luta pela posse da terra (p.145), indo além de uma crítica redutiva da religião.

*O Senhor Bom Jesus da Cana Verde em Cena* (p.160-188) é o título do capítulo IV, nele desvela a estrutura estruturante presente na narrativa do Documentário de Gabrielângelo,

<sup>10</sup>Ver L. T. MOTA, *As guerras dos índios kaingang*. A história épica dos índios kaingang do Paraná. Maringá: EDU-EM, 1994.

que visa impor no imaginário coletivo uma representação de uma sociedade que jamais existiu, uma sociedade católica, dogmática e europeizada que buscava refletir na terra o reino de Deus. O capítulo mostra a simbiose entre poder religioso, político e econômico; que tanto o documentário quanto o filme ao reescreverem a história criam *comunidade imaginária* e mascaram os conflitos ocorridos no passado e ainda que o poder simbólico da imagem do Bom Jesus serviu não só a interesses religiosos mas a interesses da Nova Ordem Civil.

Ao ler a referência feita a importância dos meios de comunicação na vitória daqueles que *controlavam* a ordem social e detinham o monopólio dos bens simbólicos na região do Norte Velho do Paraná. Pensei na importância da mídia no processo pelo qual o país passa e aproveitei para ler o trabalho do cientista social João Feres Junior, estudioso da mídia. Ele é um dos criadores do *Manchetometro*, que acompanha as manchetes dos principais jornais brasileiros como (Estadão, Globo e Folha de São Paulo) Tem se a confirmação estatística da força do quarto poder.

Destaco duas passagens que servem de parâmetro para a leitura do capítulo, a primeira quando se refere à História que passou a ser vigiada para manter a ordem e a tradição estabelecida no espaço e no tempo (p.173). Afirmação que pode ser associada a que afirma *a região do Norte Velho do Paraná foi submetida a amnésias coletivas* (p. 187).

A segunda está relacionada com as *temporalidades dialéticas* entorno das imagens que representam o Senhor Bom Jesus. Imagens que foram produzidas e reproduzidas em suas narrativas para legitimar a história do progresso na região (p. 181).<sup>11</sup>

## Conclusão

*Aproximações culturais e conflitos sociais em torno da imagem do Bom Jesus da Cana Verde* impressiona pela pesquisa realizada tanto em Portugal como no Brasil. Anderson Lino oferece ao leitor informações preciosas para compreender processos históricos de longa duração e as complexas relações entre Estado e Igreja no Brasil, no período da Velha República e Nova República.

Para o leitor dois desafios permanecem. A aproximação realizada na tese entre o passado colonial ibérico e os fatos ocorridos no Norte Velho do Paraná tem um perfil nitidamente trans histórico. As transposições precisariam ser mais matizadas e contextualizadas. Tendo presente que perspecti-

<sup>11</sup>O autor explicita esta ideia ao reiterar na página 187 que: *as temporalidades dialéticas da imagem do Senhor Bom Jesus, em torno da expectativa da doutrina católica, estiveram atreladas até a modernidade à experiências passadas.*

va analítica adotada na tese foi estritamente institucional, fica o convite de numa futura pesquisa dar voz aos devotos do Bom Jesus da Cana Verde. Até porque só a análise institucional pode levar a uma visão redutiva da sociedade.

Finalizo lembrando que o leitor tem em mãos uma tese escrita com competência e paixão, que merece ser lida por todos interessados em compreender um pouco mais nossas veredas históricas.

*Ênio José da Costa Brito\**

\*Ênio José da Costa Brito é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Professor Titular do Programa de Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Vice Coordenador do Centro de Estudos Culturais Africanos e da Diáspora da PUCSP (CECAFRO). Líder do Grupo de Pesquisa: Veredas: Imaginário Religioso Brasileiro.

